

Fábrica De Sonho: Uma Experiência De Comunicação Na Década De 1990 Em São Paulo

Dream Factory: A Communication Experience in the 1990s in São Paulo

Viviane Menna Barreto.¹

vivimenna@uol.com.br

Universidade Católica de São Paulo

Resumo

O grupo Fábrica de Sonho realizou uma experiência de comunicação em São Paulo na década de 1990 misturando elementos da linguagem teatral, propaganda, assessoria de imprensa e ironia para encenar em espaços públicos performances de denúncia contra abusos de direitos humanos. Este artigo é exploratório, utiliza metodologia qualitativa e quantitativa. Reúne técnicas de pesquisa-ação e pesquisa documental quando soma aos relatos de memória informações retiradas de arquivo pessoal composto por 75 páginas de jornais de São Paulo dos anos de 1992 e 1993 com notícias sobre ações do grupo performático, anotações, fanzines, folhetos, históricos, manifestos produzidos pelos ativistas durante a existência do grupo. As ações que ocuparam a capa de vários jornais da grande mídia de São Paulo marcaram um momento em que o ambientalismo se destacava entre os movimentos sociais e o padrão do jornalismo se reformulava a partir do modelo editorial denominado “Projeto Folha”, que incluiu o jornalismo brasileiro no campo do marketing da notícia e na defesa pragmática de interesses difusos.

Palavras-chave.

Fábrica de Sonho; comunicação; performance; cidadania; ativismo-lúdico-midiático

Abstract

The group Fábrica do Sonho (Dream Factory) executed an experience in communication, during the 1990s, in São Paulo city. Performances denouncing human rights abuses were staged by the group using elements of theatrical language, advertisement, press advisory, and irony. The present research is exploratory and relies on both quantitative and qualitative methodologies. Descriptions, based on memory, added to information, taken from a personal archive, characterize the use of techniques on action research and documental research. The archive is composed of 75 pages of São Paulo’s newspapers, during the years of 1992 and 1993, with news about performances of the group, along with notes, fanzines, folders, reports, historical and papers produced

by activists during the group's existence. The acts that were on the cover of several newspapers of the great media in São Paulo reflected a moment when the environmentalism was on a spotlight among the social movements. Moreover, the press standards was being reformulated based on an editorial template called “Projeto Folha” (Folha Project), which add the Brazilian journalism in the field of news marketing and in the pragmatic defense of diffused interests.

Keywords.

Fábrica do Sonho (Dream Factory), communication, performance, citizenship, ludic-mediaactivism

O grupo Fábrica de Sonho, vivenciou uma experiência de comunicação em São Paulo na década de 1990 que utilizava elementos da linguagem teatral, propaganda, assessoria de imprensa e ironia para encenar em espaços públicos performances-denúncia contra abusos de direitos humanos. Em decorrência disso, seus atos viravam notícia na grande mídia. O massacre que ocorreu na Casa de Detenção de São Paulo conhecida como Carandirú em 1 de outubro de 1992, por exemplo, quando 111 detentos foram mortos por conta da intervenção truculenta da Polícia Militar liderada pelo coronel Ubiratan Guimarães na gestão do então governador Fleury Filho inspirou uma performance que deixou a rampa de mármore branco da Assembleia Legislativa de São Paulo tingida de vermelho. A ação performática aconteceu uma semana após o massacre e foi noticiada em 9 de outubro de 1992 aparecendo na capa de dois jornais. No Jornal da Tarde ocupou 28% da página com o título “Chacina, comandante da PM pode sair.” e 95,4% da página interna com o título “Sangue na cidade” descreveu em detalhes a ação inusitada.

Figural. Performance denuncia extermínio no Carandirú.



Neste mesmo dia a capa da Folha da Tarde estampou a manchete “PM atirou para matar, diz legista” com uma foto do grupo Fábrica que ocupava o alto da página e mostrava ativistas deitados seminus, corpos costurados e numerados, em meio a muita tinta vermelha cercados por policiais atônitos enquanto cantavam em alto e bom som o jingle: “Secretário carniceiro, quis matar o presídio inteiro.”

Tratava-se de uma experimentação de comunicação para democratizar a mídia e incluir novas vozes ao discurso hegemônico. Nesse período quando a internet estava engatinhando ambientalistas do grupo Greenpeace por meio da espetacularização (DEBORA, 1967) de seus protestos construíram uma forma midiática de luta inspiradora para muitos grupos sociais. O Fábrica de Sonho foi um destes grupos que se valeu da técnica de “transformar ações em imagens” adotada pela ONG Greenpeace (GABEIRA, 1988).

As performances eram pensadas para divulgar nossas lutas aos leitores dos jornais do dia seguinte reaquecendo notícias anteriormente publicadas e renovando debates. O público destas performances de protesto, podemos dizer que era muito mais os jornalistas, os câmeras e posteriormente o leitor/expectador do jornal e da TV. O público propriamente dito, quando havia um, acabava contracenando com o grupo, com a mídia que o entrevistava, apesar de muitas vezes a plateia ser escassa, uma vez que nossas apresentações priorizavam muito mais o local e sua importância simbólica para

a causa defendida do que propriamente o fluxo de pessoas existente. (V. M. Barreto, *comunicação pessoal*, 1993).

Neste artigo² pretendemos traçar um panorama da atuação do Fábrica de Sonho em São Paulo na década de 90 por meio de relato das ações e transcrição de parte das narrativas midiáticas e com isso registrar um momento singular da transformação do padrão de jornalismo brasileiro.

Método

Essa pesquisa é qualitativa e quantitativa utilizou-se de técnicas de pesquisa-ação e documental realizada a partir de arquivo pessoal composto por 75 jornais, anotações, fanzines, folhetos, históricos e manifestos. É importante ficar claro que fui uma das fundadoras do Fábrica assim incluí neste trabalho relatos de memória. Inicialmente organizamos as publicações do grupo de acordo com o ano em que a performance ocorreu. Posteriormente dividimos a produção por temas e por jornais para ver a linha de interesse das ações performáticas e como os jornais se posicionavam diante desta nova forma de ativismo. Descartamos as publicações que não mencionavam o nome do grupo. Dividimos as notícias pelo tema das performances realizadas: AIDS, Fora Collor, Extermínio do Carandiru, Coleta Seletiva, Carne de Chernobyl etc. Algumas destas performances aconteceram em mais de uma ocasião durante o ano, portanto, separamos as notícias das apresentações por datas. E finalmente medimos o tamanho das notícias publicadas percebendo o percentual da área ocupada pela intervenção do grupo Fábrica em relação a área total da página dos jornais analisados. (*Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, Folha da Tarde, Jornal da Tarde, Diário Popular, Notícias Populares, O Dia, O globo e Jornal do Brasil*)

A construção do texto busca reunir os signos mais explícitos deste fenômeno em um bosquejo editorial onde mapeamos a atuação do grupo Fábrica de Sonho. Sabemos que são múltiplas as conexões que se configuram com o ativismo tanto do ponto de vista histórico quanto do político e midiático. Tendo consciência disto, aviso ao leitor que ao adotar a forma de relato de memórias vou arrebatando conforme o gênero permite o que é captável das atuações do grupo.

No Brasil os movimentos sociais surgem durante a década de 1970 com o propósito de questionar a Ditadura Militar. Inicialmente sem uma amplitude nacional, restringiam-se aos bairros, às centrais sindicais, etc. A partir dos anos 1980 foram fortalecidos mediante ampla mobilização da sociedade civil durante processo de redemocratização do país.

Mas foi nos anos 1990, que os movimentos sociais abriram seu leque de parcerias, passando a trabalhar junto a entidades privadas, filantrópicas, como consequência da expansão do conceito de “responsabilidade social” emergente do Neoliberalismo. Surgem os movimentos de classes sociais, de gênero, grupos raciais, ambientalistas. (Sader, 1998; Scherer-Warren, 1993; Jacobi, 1990). Reflexo deste boom de movimentos sociais foi a fundação da ABONG (Associação Brasileira de

Organizações Não Governamentais) em São Paulo em 1991. O país assiste o crescimento de um imenso número de grupos que lutam pelos direitos difusos questionando relações sociais, econômicas e políticas, e seguem se organizando em torno de lutas comuns, marcando presença em atos públicos e nas páginas dos jornais.

Sob o prisma do ambientalismo reuniram-se variados grupos sociais de diferentes posições políticas, mas que tinham em comum uma forma diferenciada de relacionamento com as mídias. Em decorrência deste cuidado com a comunicação a questão ambiental ganhou maior visibilidade, fazendo com que o Estado, as empresas privadas, e a população passassem a exibir uma intensa preocupação com a preservação ambiental.

Ambientalistas e o Greenpeace

Entre as ações ecológicas de grande visibilidade estão as intervenções espetaculares do Greenpeace relacionadas a preservação do meio ambiente e baseada na desobediência civil, ação direta e criatividade. Este tipo de protesto criativo

...envolve uma necessidade constante de reformar a estética das manifestações, numa tentativa de apagar a carga estereotipada dos movimentos e fazer suas mensagens chegarem a públicos que de outra forma permaneceriam impassíveis. Para isso, os manifestantes utilizam-se de estratégias que envolvem tanto uma organização comunicacional moderna, absorvendo práticas do marketing, da publicidade e propaganda e das relações públicas, quanto um lado artístico-transgressor. O ataque a seus adversários se dá totalmente no plano ideológico, no intuito final de influir sobre suas configurações concretas. (ASSIS, 2006, p 15).

Greenpeace “[tinha]... uma audaciosa formação política: a desobediência civil. Trata-se de um conceito cunhado por Thoreau e adotado por Gandhi, segundo o qual quando nos defrontamos com leis injustas, temos o direito e o dever de desobedecê-las...”(GABEIRA, 1988 p22) E era isso que ele mostrava nos telejornais. Ativismo, desobediência civil e aventura na luta pelo meio ambiente. Com lanchas velozes os ativistas invadiam fronteiras marítimas se colocavam na frente de imensos navios arriscando a vida para evitar matança de baleias ou impedir que lixo atômico fosse lançado no mar. As imagens destas ações de enfrentamento circularam pelo ocidente. Segundo Castells (1997, p 150) eles foram “provavelmente a principal responsável pela popularização de questões ambientais globais, por meio de ações diretas, sem uso de violência, e orientadas à mídia.”

A criação destes eventos liberta os grupos sociais da obrigatoriedade de grandes mobilizações para divulgar suas lutas e graças às ações radicais de apelo visual as mensagens dos movimentos ambientais começam a atingir uma audiência bem maior de jovens que

além de se sensibilizarem pela causa começam a adotar o método do Greenpeace de se manifestar.

O Greenpeace não queria transformar radicalmente o mundo, mas realizar alguns trabalhos bem sucedidos. À prioridade era *mise-en-scène*. Se a foto de suas operações é divulgada na grande mídia, então um ato realizado por duas pessoas tem mais repercussão do que um comício clássico. GABEIRA (1988, p 75).

Em São Paulo na década de 90 o grupo Fábrica entre outros grupos iriam atuar nesta linha. A seguir iremos apresentar as ações iniciais do grupo e os marcos ideológicos que orientaram suas atuações.

A primeira performance e as orientações ideológicas do grupo

A ideia de realizar esse tipo de ativismo nasceu em São Paulo no ano de 1989 como consequência da luta ambiental contra a poluição dos mares, quando pedíamos ao Estado a sinalização da qualidade das águas e interdição de praias contaminadas por esgoto doméstico. Esta já era uma luta antiga dos surfistas do município do Guarujá, (litoral sul de São Paulo) e quando soubemos que aconteceria a votação na Assembleia Legislativa do capítulo de meio ambiente na Constituição de São Paulo resolvemos agir.

O local era perfeito: Assembleia em dia de votação. Políticos e imprensa reunidos. Aparecemos vestidos com escafandros e jogamos 50kg de restos de peixe na rampa da Assembleia Legislativa. No dia seguinte o protesto era capa do jornal Folha de São Paulo e para nossa surpresa esta matéria acabou sendo usada por cerca de 3 meses na campanha de venda de assinaturas.

Figura 2. Campanha veiculada pelo jornal Folha de São Paulo por cerca de três meses utilizou de *cena* de *ativismo-lúdico-midiático*.



Na época atuávamos como ecologistas, mas, neste momento entendemos que poderíamos ter voz com este tipo de ação. Este foi o embrião do grupo de comunicação posteriormente conhecido como Fábrica de Sonho. O nome surgiu anos depois. A partir da ideia de se criar “...uma fábrica de ideias, uma caixa geradora de ideias onde em brainstorming constante as pessoas que viviam o Fábrica e estariam sempre criando a partir das pautas do jornal do dia...”

(V. M. Barreto, *comunicação pessoal*, 1993).

No final de 1990 mudei-me para Porto Alegre. Lá a ideia de criar um grupo de intervenção foi amadurecendo em meio a reuniões regadas a David Bowie, chimarrão, poesias, papéis e tintas em uma garagem-ateliê situada na Rua General Neto, 354 no bairro Floresta. Durante o primeiro semestre de 1991 em parceria com Valderessa Prado, Barbara Nicolaiewsky e Andre Pellicoli entre outros artistas errantes nos reuniríamos buscando concretizar sonhos repletos de preocupações sociais e ambientais. Finalmente em uma festa na Praça Moinhos de Vento em 21 de agosto de 1991 fundamos o Fábrica de Sonho.

Os princípios do grupo foram inspirados no poema “Estatuto do homem” Mello(1982) pelas ideias antropofágicas dos Modernistas e pelos textos do poeta americano da geração beat Allen Ginsberg (ambos nascidos em 1926) . Ativistas do movimento de contracultura americano como Abbie Hoffman com sua visão idílica do

engajamento político completava as orientações ideológicas do Fábrika. Hoffman acreditava que apenas a diversão poderia mobilizar as pessoas a lutarem por seu ideal de sociedade.

Acho que diversão e lazer são coisas ótimas. Não gosto da ideia de um movimento construído sobre sacrifício, dedicação, responsabilidade, raiva, frustração ou culpa. Todas essas coisas são “baixo astral”. Eu diria, Olha, você quer se divertir mais, você quer transar mais, você quer fazer amigos, você quer um escape para sua criatividade, então saia da escola, peça demissão do trabalho. Venha com a gente e ajude a construir e defender a sociedade que você quer. Pare de tentar organizar todo mundo menos você. Comece a viver seu sonho. (HOFFMAN, 1968, pp 61-64 citado por ASSIS, 2006).

As concepções do Teatro do Oprimido desenvolvido por Augusto Boal na década de 60 reforçavam nossa ideia de utilizar a estética teatral para discutir questões políticas e sociais. Boal afirmava que “todos os seres humanos são atores - porque atuam - e espectadores - porque observam. Somos todos 'espect-atores’”. Com este perfil formou-se um grupo de teatro sem atores de formação, mas, de espect-atores com projeto de vida sempre em construção.

Após alguns meses retornei a São Paulo onde efetivamente as performances aconteceram. Antônio Abujamra e o grupo Ornitórrinco com o slogan “Horror por horror Ubu governador” levaram para a mídia o personagem Pai Ubu como um candidato a governador. Este fato ganharia grande espaço nas reportagens sobre as eleições e faria com que se popularizasse princípios do teatro absurdo.

Nos anos de 1992 e 1993 o auge do grupo

Participaram do Fábrika crianças de rua, sem-teto, fotógrafos, artistas, sociólogos, comunicólogos, estudantes e arquitetos. Não havia nada fixo na organização do grupo. Cada um atuava quando e como quisesse. Entre outros ativistas, Gretha Patrícia Rossini , Mônica Bento, Lázaro Tribst, Claudia Angerani , Yuri Valério, Mariana Magalhães, Renato Chaui,

João Alcara, Ligia Jardim, João Quesado, Ana Carla Freire, Patricia Alexandri, Nelson Vilhena, Alexandre Madeira, Cecília Flosi, Ana Chaui, João Lindolfo, Fernando Aquino, Dimitri Kuriqui, Ricardo Liberato, Valeria Hartt, Vani Silva, Adriana Nunes foram quem escreveram estas histórias. Em geral todos criavam as performances, alguns apenas atuavam, outros colaboraram na produção, fotografia ou divulgação e ainda há os que foram parceiros políticos por muitos anos. Não atuávamos como um grupo para discutir política mas principalmente para mostrar que é possível se divertir sendo ativista.

E era assim que vivíamos. Em coletivo, criando colaborativamente nossas performances. Os amigos que se interessavam pelo tema apareciam e se associavam com

o protesto. Nunca fizemos uma ata. Nunca fomos presos, sempre os jornalistas serviam como escudo entre os militantes e os policiais. Em período de performance quase não dormíamos, criávamos, produzíamos, divulgávamos e atuávamos sem descanso e depois das performances ainda nos reuníamos para comemorar o êxito da ação quando chegavam mais e mais amigos querendo saber detalhes da performance até a reunião acabar em festa após o que “desmaiávamos” por dois ou três dias.

Entre 1992 e 1993 foi o auge do grupo, uma espécie de clube de amigos ativistas que se encontravam para protestar e exercer seus direitos de cidadania. Inicialmente a sede do grupo era próximo a Avenida Paulista na Rua Minas Gerais, depois funcionou em um apartamento na Avenida Faria Lima próximo ao Shopping Iguatemi. Foram realizadas dezenas de performances onde o grupo atuava com apoio do Sindicato dos Bancários, CUT, Comissão de Direitos Humanos da OAB, IDEC, entre outros. Nesse período 75 matérias falaram sobre as performances do grupo sendo que 13 foram matéria de capa nos jornais Estado de São Paulo, Jornal da Tarde, Folha de São Paulo, Folha da Tarde, Diário Popular, Notícias Populares e O Dia, do Rio de Janeiro. Basicamente o grupo criava suas atuações como “respostas críticas às notícias dos meios de comunicação”. E utilizava-se da performance como linguagem.

A performance está ontologicamente ligada a um movimento maior, uma maneira de se encarar a arte; a live art. A live art é a arte ao vivo e também a arte viva. É uma forma de se ver arte em que se procura uma aproximação direta com a vida, em que se estimula o espontâneo, o natural, em detrimento do elaborado, do ensaiado. A live art é um movimento de ruptura que visa dessacralizar a arte, tirando-a de sua função meramente estética, elitista. A idéia é de resgatar a característica ritual da arte, tirando-a de “espaços mortos”, como museus, galerias, teatros, e colocando-a numa posição “viva”, modificadora. Esse movimento é dialético, pois na medida em que, de um lado, se tira a arte de uma posição sacra, inatingível, vai se buscar, de outro, a ritualização dos atos comuns da vida: dormir, comer, movimentar-se, beber um copo de água (como numa performance de George Brecht do Fluxus) passam a ser encarados como atos rituais e artísticos. John Cage diz: “Gostaria que se pudesse considerar a vida cotidiana como teatro.” (COHEN, 2007, p 38).

Escolha dos temas e estética das apresentações.

O tema dos protestos eram escolhidos durante o café da manhã em uma leitura crítica dos jornais, quando nos deparávamos com notícias que relatavam absurdos, tais como, a compra da carne de Chernobyl (região da Ucrânia onde ocorreu vazamento nuclear) promovida por Iris Resende, então ministro da Agricultura do governo Sarney, para reabastecer o mercado interno com produto suspeito de contaminação. Em outros momentos lutávamos por causas locais, como foi o caso da campanha “O show não pode

parar” onde protestamos contra o fim do show do meio dia que acontecia historicamente no vão livre do MASP e possibilitava encontros entre jovens de todos os pontos de São Paulo fomentando um clima de fraternidade entre moradores dos centros e das periferias e muita ebulição cultural. Não era incomum também sermos acordados no meio da noite com uma denúncia. Soubemos do extermínio do Carandiru por um morador de rua, Jomar, ex-detento, que frequentava o Fábrica e consternado cobrou-nos uma performance.

A estética das apresentações era do caos, éramos como camelôs, gritando vendendo uma arte feita com lixo reciclado e uma convicção. E em happenings antropofágicos, com jingles, repentes ou poemas minimalistas gritávamos nossos protestos que ampliavam um texto da mídia, geralmente de denúncia. Eram diferentes assuntos abordados nas performances, mudavam toda semana como a pauta dos jornais. Nossas performances eram descartáveis... (V. M. Barreto, *comunicação pessoal*, 1993).

Em meio a um brainstorming festivo criávamos colaborativamente os atos performáticos, produzíamos as peças cenográficas, ensaiávamos a performance do dia seguinte e depois partíamos para uma nova criação. Nós andávamos pela cidade em busca de materiais descartados, papelão, plásticos, cenários de escolas de samba ou de peças teatrais. Tudo poderia ser reaproveitado. Além disso, tínhamos em estoque para ser usado as pressas, em performances inesperadas, bandeiras do Brasil, maços de dinheiro falso (para denunciar constantes práticas de corrupção), tinta vermelha (para o caso de ocorrer alguma chacina) pernas e braços de bonecas e de manequins (para performances antropofágicas) etc. Além disso sabíamos onde arrumar ossos e restos de peixes.

...Durante nossa existência cada vez mais incluíamos elementos do mundo cão

de que a própria mídia se alimentava. Sangue, ossos, nudez...Construíamos o cenário para a foto do jornal do dia seguinte. E aí quinze minutos de fama. Falávamos de paz e amor usando litros de 'sangue'. E isso era muito cansativo. (V. M. Barreto, *comunicação pessoal*, 1993)

Os cenários mais complexos eram criados, reciclando o lixo da cidade, por Néilson Vilhena e seus amigos que trabalhavam na construção das cenografias da Bienal de Arte e do Carnaval de São Paulo. Entre outros adereços criaram para o grupo Fábrica uma máquina de moer índios, carteira de trabalho, troféus, moedas gigantes e um canhão que lançava ao longe dezenas de cabeças de bonecas de plástico que simulavam cabeças de crianças negras.

Ativismo-lúdico-midiático: propaganda de guerrilha e performances artísticas.

Protestos que utilizam técnicas de teatro aliados a divulgação na mídia podem ser definidos como ativismo lúdico midiático. O termo criado por Assis (2006) refere a um fenômeno de comunicação que vem ocorrendo em diversas partes do planeta desde o final do século XX. Ativistas utilizavam de táticas lúdicas, teatrais, irônicas e irreverentes para criticar as mazelas da globalização e denunciar abusos de direitos humanos e cidadania. Estas ações buscavam chamar atenção para problemas locais, divulgar suas críticas e propostas e obter repercussão midiática unindo diversas linguagens com a intenção de injetar na sociedade a ideia da necessidade de resistência. Nestas ações lúdicas “planeja-se, encenam-se fatos-mensagens formatados para tornarem-se fatos-notícias e servirem-se desta circulação pelos meios para alertar, engajar, motivar o corpo social.” (ASSIS, 2006, p 78).

Por meio da ludicidade estes ativistas intervêm no cotidiano da cidade e desafiam seu alvo propondo um jogo para subverter os processos de seleção das mídias e desta forma atingir a opinião pública. Entendemos que este tipo de ativismo utiliza as técnicas semelhantes às utilizadas pela propaganda de guerrilha e se vale destas ferramentas para surpreender e impactar ideologicamente.

Propaganda de guerrilha é uma das principais alternativas de comunicação de marketing utilizada pelo marketing de guerrilha. Consiste em “comunicar de modo diferente, captando a atenção do público de maneira pouco comum, porém com meios surpreendentemente adequados ao produto ou serviço anunciado” (Dorrian & Lucas, 2006, p 18 citado por DANTAS (2009, p 9).

Diante do bombardeio de informações a que estamos submetidos constantemente tanto o ativismo como a propaganda utilizam-se dos elementos do teatro de guerrilha, happening, flashmob e performance como diferencial de comunicação.

...a linguagem da performance, revolucionária no mundo das artes desde a década de 1960 é vista como algo destacado das artes cênicas, em especial o teatro de vanguarda, pós-dramático, interativo, de feiras e de rua. Na modernidade, surgem variações de termos, um deles denominado de Teatro de Guerrilha, que inspirará no nome e na execução da propaganda de guerrilha. Um fazer desenvolvido e observado nas ruas, nas praças, enfim, no espaço por onde circulam as pessoas. Vai-se até elas para que a provocação da ideia, geralmente feita por performers, ganhe forma. A sociedade é tanto com a propaganda quanto com o teatro de guerrilha, provocada a repensar seus conceitos, encontrar respostas às perguntas sugeridas e/ou, portanto, rever suas necessidades e comportamentos. SUZANO JUNIOR (2010, pp 4,5).

Transitando por diversas linguagens fomos gerando conteúdos que tinham como foco atingir as pessoas de forma ágil e ousada, envolvendo e engajando-as, estabelecendo uma conversa. O importante em nossa experimentação era mostrar nossa

posição em relação aos fatos que estavam acontecendo e que nos tocavam e criar via mídia uma conversa que atingisse de alguma forma a sociedade.

A busca da eficácia na divulgação.

Para alcançar estes números, que não representam o total de apresentações do grupo, mas, o total de apresentações midiáticas, fomos nos aperfeiçoando na divulgação. Criamos um mailing list, conhecíamos os horários de fechamento dos jornais, as datas de fechamento das revistas, os horários adequados para as performances acontecerem e entramos nos telejornais locais e nacionais conhecíamos os pauteiros, os jornalistas pessoalmente, conversávamos com os editores e divulgávamos nossas ações para as agências de notícias. Posteriormente por telefone reforçávamos os dados e a importância do tema encenado na performance fornecendo inclusive contato com especialistas e fotos divulgação. E como não tinha internet entregávamos pessoalmente os releases nas redações. Segundo documentos do grupo, na divulgação destas ações para as mídias os releases somavam

...descrições cinematográficas e sangrentas de nossas ações e título chocantes. Com o tempo bastava ligar para os jornais avisando que o Fábrika iria fazer uma performance que já havia entre eles o jornalista certo para fazer a cobertura. Outras vezes era a própria imprensa que nos ligava nos questionando sobre os próximos atos. (V. M. Barreto, *comunicação pessoal*, 1993).

¡Por meio da apropriação de técnicas de assessoria de imprensa o grupo Fábrika ora criava novas pautas que em geral eram convertidas em notícias, ora ampliava discussões já publicadas nos jornais sob a forma de editoriais ou reportagens.

A mediação impressa e eletrônica da performance abolia o caráter efêmero do ato performático em si, que acabava acontecendo no mesmo dia para um grande número de pessoas que assistiam os jornais eletrônicos, se repetia no dia seguinte através dos jornais impressos e algumas vezes se repetiam ainda nas revistas semanais da TV. (V. M. Barreto, *comunicação pessoal*, 1993).

A performance “Camisinha vista esta fantasia” encenada em 26 de fevereiro de 1992 na porta do Hospital Emílio Ribas em parceria com o GAPA buscava chamar atenção do Estado em relação a forma correta de comunicar os riscos e prevenção da AIDS que ainda ocorriam de forma dissimulada sem menção direta a prática sexual. A campanha em cartaz na época parodiava poema de Carlos Drummond de Andrade e anunciava algo mais ou menos assim: “João amava Teresa, que amava Raimundo, que amava Maria, que amava Joaquim, que amava Lili, que estava com AIDS.” O Fábrika radicalizou com muito barulho, fantasias e três pênis alegóricos de 2,5 m de altura. “O médico Jamal Suleiman, 32, considerou a intervenção como sendo a mais interessante dos últimos 11 anos sobre o assunto” segundo depoimento retirado do jornal Folha da

Tarde. A performance foi noticiada nos telejornais da manhã e destaque na Folha da Tarde no caderno geral com o título “Grupo de Teatro faz manifestação e dá camisinha”(1992) ocupando 10%,da página. No Diário Popular a matéria “Vista esta fantasia.” (1992) 34% , no Jornal da Tarde 25,6% da página, foi capa da Folha de São Paulo e ainda foi apresentada no programa da Hebe Camargo com a presença do publicitário

Washington Olivetto.

Parceria com especialistas e cuidado na escolha do local da performance.

Conectávamos ao tema encenado especialistas e representantes dos movimentos sociais para ampliar os debates, dar voz as reivindicações ou mesmo levar nossas propostas amparados em premissas legais. A performance “Proposta Modesta” Swift (1729) inspirada em panfleto político da Inglaterra do século XVIII que apresentamos durante a ECO 92 em parceria com a Sub-comissão de Meio Ambiente da Comissão de Direitos Humanos da OAB de São Paulo para denunciar violências sofridas por crianças moradoras da praça da Sé promovidos por policiais durante gestão do governador de São Paulo Fleury Filho é um exemplo disso. Na matéria “Cenas de canibalismo para denunciar matança de menores” (1992) o jornalista de O Globo descreve: “...a teatralização foi feita por oito atores trajados a rigor e com casacos de peles. Uma bandeira brasileira estilizada servia de toalha de mesa e pedaços de bonecos misturados a comida e servidos em bandejas de prata representavam as crianças do país...” Comíamos o recheio destas cabeças a título de cérebro e distribuíamos folhetos assinados pela OAB-SP onde podia se ler “...que seja permitida a partir deste evento a venda de carne de criança pobre em açougues...” (V. M. Barreto, *comunicação pessoal*, 1993).

As performances nesta época aconteciam muito rapidamente, sempre para imprensa previamente notificada com releases as vezes mais sangrentos que a própria performance. Chegávamos incógnitos, adereços escondidos, montávamos a cena e fugíamos após as fotos.. Chegávamos com o texto pronto. Para TV [utilizávamos]frases curtas de impacto. Para os jornais[frases] explicativas. Na ECO 92, por exemplo, tínhamos panfletos em dois ou três idiomas ...Fomos capas de dois ou três jornais. Reunimos em nosso banquete cerca de 50 fotógrafos de várias partes do mundo. (V. M. Barreto, *comunicação pessoal*, 1993).

Figura 3. Performance apresentada durante o encontro ambiental ECO 92.

Cenas de canibalismo para denunciar matança de menores

Grupo teatral faz protesto na Cinelândia

Cabeças, pernas e braços de crianças servidos ao molho partido ou em saladas. Foi com a encenação de um banquete antropofágico que o grupo teatral Fábrica de Sonhos, de São Paulo, protestou na tarde de ontem contra o abandono e a matança de menores no Brasil. A encenação, realizada em frente às escadarias da Câmara Municipal, na Cinelândia, foi organizada pela Comissão de Direitos Humanos e pela Subcomissão de Meio Ambiente da sectional de São Paulo da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

A teatralização foi feita por oito atores do grupo, trajados a rigor e com casacos de peles. Uma bandeira brasileira estilizada servia de toalha de mesa e pedaços de bonecos misturados à comida e servidos em bandejas de prata representavam as crianças do país. Logo que começou a encenação, a peça foi enriquecida por uma participação inesperada: ao perceberem a movimentação dos artistas, alguns meninos de rua invadiram o cenário e acabaram comendo, de verdade, as sobras do banquete. Interpretando a yviane Mena Barreto, fundadora da Fábrica de Sonhos, anunciou que o "convidado especial" da festa, o governador de São Paulo, Luiz Antônio Fleury Filho, havia faltado.



Uma atriz dá comida na boca de um dos meninos de rua durante a encenação do banquete antropofágico

Paraibano que acusou grupo fugiu do Rio

A polícia já sabe. Afinal, vários policiais estão envolvidos e a denúncia foi feita há cerca de quatro meses pelo paraibano Severino José de Santana, de 33 anos, que esteve no Rio semana passada para prestar novo depoimento contra um grupo de extermínio da Baixada Fluminense. Desde que apontou os membros da quadrilha, ele fugiu para o Norte do País com os três filhos e a mulher, Rejane.

A casa de Severino, em Nova Iguaçu, foi invadida por uma família de oito pessoas. No Norte, ele e a família contam apenas com uma pensão do INSS e com a ajuda do deputado Paulo Melo (PSDB), que presidiu a CPI sobre grupos de extermínio. Um relatório de 20 volumes foi entregue ao governo do Estado. Nada foi feito, segundo o deputado.

Severino cometeu apenas um "crime" na vida: comentou em uma bicosca perto de casa que viu o ex-sargento PM Rochinha e outro homem, identificado como Bigode, matarem um electricista. Logo depois, os dois foram procurados em casa. Ele não estava. Quando os dois iam saindo, o vizinho Jorge Luís Corrêa de Castro reconheceu-os e chamou Bigode: foi assasinado ali mesmo. Severino pegou a família e fugiu.

Nilo Batista diz que pesquisa foi manipulada

O vice-governador e secretário de Polícia Civil Nilo Batista rebateu ontem informações veiculadas durante um dos debates no Fórum Global, de que 442 menores foram assassinados no Estado do Rio de Janeiro no ano passado. Segundo ele, esses dados, divulgados pelo Centro de Articulação das Populações Marginalizadas (CEAP), foram manipulados: a entidade exibiu como estatística a soma do número de homicídios e de tentativas de homicídios (306 e 136, respectivamente), que consta de estatística realizada pela própria Polícia Civil.

Nilo Batista disse que de janeiro a abril deste ano morreram 107 menores, contra os 105 registrados no mesmo período em 1991, mas que não se pode fazer uma avaliação a partir desses números porque, no ano passado, a estatística era feita por número de registros de casos e não por cadáveres. Ou seja: uma chacinha de dez pessoas era computada como um caso, o que comprometia o levantamento exato.

Na ocasião aconteciam centenas de eventos no Rio de Janeiro, entre os quais estavam os radicais alpinistas do Greenpeace que montavam seu protesto-aventura sob a proteção do Cristo Redentor. Diante da “concorrência” optamos pela força histórica da Cinelândia para ser palco de nosso banquete. Na construção das performances a cidade era pensada como território de memórias sociais e políticas e, portanto espaço de significação para virar palco. Assim o espetáculo virava notícia. Procurávamos na cidade um palco, entendendo o conceito de espaço urbano como sendo bem maior do que o do sentido arquitetônico, mas composto e constituído por um contexto social e político.

O conceito de espaço, no sentido arquitetônico, incorporou ideias referentes à percepção do seu entorno às definições baseadas na sua dimensionalidade e morfologia.... O espaço não se apresenta unicamente por seus elementos formais e construídos. Como fruto de um contexto social, o espaço é também caracterizado pelas relações de uso e apropriações estabelecidas por quem dele se utiliza, podendo ser entendido a partir das informações que se obtêm sobre ele. (COSTA FILHO, 2010, p 2).

Considerações finais: novos padrões de ativismo e de jornalismo.

O “Fábrica” ao realizar suas encenações absurdas se apropriava da cidade e das histórias de lutas que se estabeleceram no campo midiático. Misturando encenações, ousadia e discursos de especialistas oriundos dos movimentos sociais levaram o jornalismo ao limite da ficção. Notícias sérias orbitavam ao redor de manchetes bizarras

que falavam e mostravam “Cenas de Canibalismo”. Ao lado da foto do banquete antropofágico apareceu a notícia onde se lia que secretário de Polícia Civil do Rio de Janeiro contestava número de 442 menores assassinados no estado ou ainda matérias que tratavam do envolvimento de policiais em grupo de extermínio. A mesma performance no jornal Folha de São Paulo anunciava “Grupo 'come criancinhas' em performance no Rio” e logo abaixo uma foto de 15,0 X 18,0 cm mostrava atriz cercada de cabeças dando comida a menino de rua.

Outro caso exemplar foi a cobertura da performance pelo impeachment do presidente Collor quando o jornal Diário Popular estampou no alto da capa do dia 7 de agosto a manchete “Fábrica de Sonhos devora miolo de Collor” logo abaixo da manchete “Tribunal decide vasculhar as verbas secretas do Presidente”.

As memórias midiáticas da Fábrica são parte do contexto da redemocratização vivenciada nos anos 90 no Brasil, quando “o papel do jornalismo foi o de submeter o Estado ao controle da opinião pública, defendê-lo contra toda sorte de demandas corporativistas” (NASSIF, 2003, p 34). Neste contexto as ações do grupo performático se inserem dentro desses novos padrões de jornalismo adotados a partir do modelo editorial denominado “Projeto Folha”, que incluiu o jornalismo brasileiro no campo do marketing da notícia e na defesa pragmática de interesses difusos do cidadão utilizando-se de matérias não-convencionais e um apelo jovem e desafiador que levou o jornal Folha de São Paulo segundo (NASSIF, 2003) a conseguir a liderança do mercado de opinião no país. Dentro deste processo é interessante ver como o grupo percebia a eficácia de sua atuação frente a lógica empresarial das mídias.

...No decorrer deste movimento a compreensão do significado de nossas atuações sofreu diversas modificações. No início compreendíamos ingenuamente, que a intervenção social poderia modificar de alguma forma a realidade social. Acreditamos que através da opinião pública poderíamos influir no curso da história. Nos anos 90 éramos jovens querendo mudar o mundo, com muita farra, mas mudar. Dois anos após entendemos que mudaríamos apenas o que as empresas de comunicação permitissem...O sonho acabou, matamos a fábrica... (V. M. Barreto, *comunicação pessoal*, 1993).

Muita diversão e algumas “vitórias”

Em setembro de 1989 o Fábrica jogou peixes na rampa da assembleia e inaugurou uma forma de protesto que outros grupos ambientalistas reproduziriam outras vezes até que passados 16 anos a CETESB sinalizasse a balneabilidade das praias de São Paulo. Em fevereiro de 1992 o grupo conseguiu criar um debate para questionar o conteúdo das campanhas de comunicação do estado para AIDS. Em fevereiro de 1992 contribuiu para impedir a venda da carne de Chernobyl em São Paulo e Porto Alegre. Em junho de 1992 denunciou na Eco 92 em parceria com a Comissão de Direitos Humanos OAB SP a “limpeza” promovida pelo governador Fleury Filho e pelo secretário de segurança

pública de São Paulo que expulsavam crianças de rua das praças do centro da cidade. Em agosto de 1992 o Fábrica fez o lançamento *Impeachment* do presidente Collor com apoio da comissão de Direitos Humanos OAB SP, CUT, Sindicato dos Bancários. Em março de 1993 impediu por algum tempo que o secretário de obras Hygino Baptiston acabasse com a coleta seletiva de lixo do município de São Paulo. Em julho de 1993 desenvolveu na cidade um projeto que estimulava populações excluídas a criarem suas performances e divulgar nos meios de comunicação suas causas. Na ocasião fotografia de uma criança de rua deitada sobre bandeira do Brasil ensanguentada publicada no Jornal da Tarde de 31 de setembro sob o título “Meninos fazem teatro pra protestar” de autoria da fotógrafa Luludi da Agência Estado acabaria premiada. Em agosto de 1999 o grupo recebeu menção honrosa do Prêmio Betinho de Direitos Humanos por este projeto.

O que restou de tudo isso? Este tipo de ativismo terá dado resultados? Neste trabalho nos interessou mais os caminhos do grupo e as narrativas construídas do que os resultados das performances. As ações do “Fábrica” se integraram a outros processos, outros grupos, outras ações. Mas de alguma forma o grupo construiu narrativas, entrevistou nos acontecimentos e só por isso já merece se apropriar de algumas vitórias ainda que esta apropriação possa ser questionada. Nas narrativas mediatizadas o absurdo do desrespeito humano eclode com ironia.

Referências

- Assis, E. G. (2006) Táticas lúdico-midiáticas no ativismo político contemporâneo.
- Dissertação de mestrado. São Leopoldo: Universidade Do Vale Do Rio Dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul. 274 pp. Acedido em 7 de setembro de 2012 em <http://www.pontomidia.com.br/erico/rodape/ericoassis-dissertacao.pdf>
- Bastos, R.(1992,9 de outubro). Sangue na cidade. Jornal da Tarde, p. 22.
- Castells, M. (1997). A era da informação: o poder da identidade. Paz e Terra, 1997. São Paulo.
- Cenas de canibalismo para denunciar matança de menores. (1992, 09 de junho). O Globo, p..
- Chacina, comandante da PM pode sair. (1992,9 de outubro). Jornal da Tarde, p.1.
- Cohen, R. (2007). Performance como linguagem: Criação de um tempo-espaco de experimentação. Perspectiva. São Paulo.
- Costa, L. (2010). O espaço urbano como meio para a transmissão de mensagens do consumo. Em: XI Colóquio Internacional de Geocrítica. Buenos Aires, 2 a 7 de maio de 2010 Instituto de Geografia / Departamento de Geografia, Faculdade de Artes - Universidade de Buenos

Aires, Argentina.. Acedido em: <http://eventos.filo.uba.ar/index.php/geocritica/2010/paper/viewFile/665/306> Em 28 de outubro de 2011.

Dantas, E. B. (2009). A propaganda de guerrilha: uma nova alternativa para posicionar marcas. Acedido em 11 de janeiro de 2013, no Web site do Labcom. Universidade da Beira Interior. Covilhã, Portugal: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/dantas-edmundo-a-propaganda-deguerrilha.pdf> .

Debord, G. A sociedade do espetáculo. Contraponto, 1997. Rio de Janeiro. [original: 1967].

Gabeira, F. (1988) Greenpeace verde guerrilha da paz. Clube do Livro. São Paulo.

Grupo de Teatro faz manifestação e dá camisinha. (1992, 27 de fevereiro). Folha da Tarde, Geral, p. 5

Jacobi, P. (1990). Movimentos reivindicatórios urbanos, Estado e cultura política: reflexão em torno da ação coletiva e dos seus efeitos político institucionais no Brasil. Em LARANJEIRA, S. (org.), Classes e movimentos sociais na América Latina. São Paulo, SP: Hucitec.

Mello, T. (1982). Os Estatutos do Homem: Ato institucional permanente. Em PEREIRA, J. et all (org), Poetas do Amazonas. Amazonas: Jaime Pereira.

Meninos fazem teatro pra protestar.(1999, 31 de setembro) Jornal da Tarde, Geral, p.12

Nassif, L. (2003). O jornalismo dos anos 90. Futura. São Paulo. Acedido em 11 de maio 2013. Em : http://meiradarocha.jor.br/cursos/pluginfile.php/362/mod_resource/content/1/NASSIF_Luis._Jornalismo_dos_anos_90.pdf

PM atirou para matar, diz legista. (1992, 9 de outubro). Folha da Tarde, p, 1.

Sader, E. (1988) Quando novos personagens entraram em cena. Paz e Terra. Rio de Janeiro.

Sangue na cidade. (1992, 9 de outubro). Folha da Tarde, p, 22

Sherer-Warren, I. (1993). Redes de Movimentos Sociais. Loyola. São Paulo.

Suzano Jr, L. e Amorin, S. (2010). A Linguagem da Performance, da Publicidade e da Propaganda: diálogos entre arte e existência. Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação,3,4, São Paulo. Acedido em 11 de janeiro 2013 em:

<http://revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/viewArticle/7060>

Swift, J. 1729(1993) Proposta Modesta: Modesta proposta para evitar que as crianças da Irlanda sejam um fardo para os seus pais ou para o seu país. Em: Carta: falas, reflexões e Memórias. 1: pp. 79-86.

Vista esta fantasia. (1992, 27 de fevereiro). Diário Popular, p. 4

Notas

¹ Brasil, vivimenna@uol.com.br, Publicitária, Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). Atuou na formação de professores indígenas junto a SEDUC PA. Foi coordenadora do curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Estácio do Pará (FAP) e consultora de comunicação junto ao Terceiro Setor. Atualmente é professora do Curso de Comunicação Social da Faculdade Estácio do Pará (Estácio FAP), ministrando disciplinas nos cursos de Jornalismo e Publicidade e coordenadora do Núcleo de Criação e Relações da Faculdade Estácio do Pará (FAP).

² A primeira versão deste artigo foi apresentada no GP Comunicação para a Cidadania do XXXVI Congresso

Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM 2013), em setembro de 2013, na cidade de Manaus-AM,

Brasil.